



A EUROPA E OS
IMPÉRIOS COLONIAIS
NA LITERATURA
E NO CINEMA



ORGANIZAÇÃO

JORGE CARREGA E SARA VITORINO FERNANDEZ

ORGANIZADORES

JORGE CARREGA

SARA VITORINO FERNANDEZ

A EUROPA E OS IMPÉRIOS COLONIAIS NA LITERATURA E NO CINEMA

Uma edição do CIAC - Centro de Investigação
em Artes e Comunicação da Universidade do Al-
garve (Portugal), com apoio do Clepul (Centro de
Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias)

CONSELHO EDITORIAL

MIRIAN ESTELA NOGUEIRA TAVARES (CIAC)
BRUNO MENDES DA SILVA (CIAC)
SANDRA CRISTINA BOTO (CIAC)
PETAR DIMITROV PETROV (CLEPUL)
JOÃO CARLOS FIRMINO ANDRADE DE CARVALHO (CLEPUL)

CONSELHO CIENTÍFICO

DENIZE CORREA ARAUJO (UTP-UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ)
TIM BERGFELDER (FACULTY OF HUMANITIES – UNIVERSITY OF SOUTHAMPTON)
CARINA INFANTE DO CARMO (FCHS-UNIVERSIDADE DO ALGARVE)
FRANCESCO DI CHIARA (FACOLTÀ DI LETTERE - UNIVERSITÀ DEGLI STUDI E CAMPUS, NOVEDRATE)
JOÃO MINHOTO MARQUES (FCHS-UNIVERSIDADE DO ALGARVE)
PAOLA PALMA (UMR THALIM (CNRS/ENS/UNIVERSITÉ PARIS 3)
PETAR PETROV (FCHS-UNIVERSIDADE DO ALGARVE)
PEDRO POYATO SÁNCHEZ (UNIVERSIDAD DE CÓRDOBA)
ANA ISABEL SOARES (FCHS-UNIVERSIDADE DO ALGARVE)
MIRIAN TAVARES (FCHS-UNIVERSIDADE DO ALGARVE)

ORGANIZAÇÃO

JORGE CARREGA E SARA VITORINO FERNANDEZ

A EUROPA E OS IMPÉRIOS COLONIAIS NA LITERATURA E NO CINEMA

© 2017 COPYRIGHT BY JORGE MANUEL NEVES CARREGA E SARA VITORINO FERNANDEZ
(ORGANIZADORES)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PARA OS AUTORES

CIAC - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARTES E COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FCHS - UNIVERSIDADE DO ALGARVE, CAMPUS DE GAMBELAS, 8005-139 FARO

WWW.CIAC.PT | SECRETARIA.UALG@CIAC.P

CLEPUL - CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS

FLUL - FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

WWW.CLEPUL.EU | CLEPUL@GMAIL.COM

ISBN: 978-989-8859-24-2

TODAS AS FOTOS SÃO DA RESPONSABILIDADE DOS RESPECTIVOS AUTORES E EDITOR.

COMPOSIÇÃO, PAGINAÇÃO E ORGANIZAÇÃO GRÁFICA:

ELISSAMA VITOR BARRETO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....8
MIRIAN TAVARES

INTRODUÇÃO.....9
JORGE CARREGA E SARA VITORINO FERNANDEZ

PARTE I:

A EUROPA E SEUS IMPÉRIOS COLONIAIS NA LITERATURA

CRÍTICA LITERÁRIA E ROMANCE HISTÓRICO:
A PROPÓSITO DE *CAMÕES - ESTE MEU DURO GÊNIO*
DE VINGANÇAS DE MARIA VITALINA LEAL DE MATOS....14
JOÃO CARLOS FIRMINO ANDRADE DE CARVALHO

A FREIRA PORTUGUESA - DO ANONIMATO
À SLUZES DARIBALTA.....23
ANA ALEXANDRA SEABRA DE CARVALHO

ESCREVER O TEMPO, CONSTRUIR A HISTÓRIA
- *OS MEMORÁVEIS*, DE LÍDIA JORGE.....37
JOÃO MINHOTO MARQUES

NARRATIVA POPULAR E REFLEXÃO POLÍTICA
EM *MANITUANA*, DO COLETIVO WU MING.....48
CLAUDIO MARINGELLI

VISÕES DO REAL HISTÓRICO EM
LILLIAS FRASER, DE HÉLIA CORREIA.....59
PAULO ROBERTO NÓBREGA SERRA

“*PLUS ULTRA: O RETRATO DE CARLOS V
E DOS HABSBURGOS NO ROMANCE A SENHORA,
DE CATHERINE CLÉMENT*”75
SARA VITORINO FERNANDEZ

A PROPÓSITO DE *NEVERNESS*:
O “CINEMAMENTAL” DE ANA TERESA PEREIRA.....84
GAIA BERTONERI

LITERATURA E CINEMA: A PROPÓSITO DOS CONTOS
DE *JOGOS DE AZAR*, DE JOSÉ CARDOSO PIRES.....98
PETAR PETROV

PARTE II:

A EUROPA E SEUS IMPÉRIOS COLONIAIS NO CINEMA

ROMANCE HISTÓRICO E CINEMA
TRANSNACIONAL NA EUROPA MEDITERRÂNEA.....108
JORGE MANUEL NEVES CARREGA E MIRIAN TAVARES

A ABORDAGEM FÍLMICA DA
‘CONTROVÉRSIA DE VALLADOLID’125
NATÁLIA LARANJINHA

ALEGORIAS E DESLOCAMENTOS EM
CRISTOVÃO COLOMBO- O ENIGMA.....135

WILLIAM PIANCO

DE “GUINÉ DITA PORTUGUESA” À REPÚBLICA DA
GUINÉ-BISSAU: CINEMA E HISTÓRIA NAS
REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS NO FILME
MORTU NEGA (1988) DE FLORA GOMES*149

JUSCIELE CONCEIÇÃO ALMEIDA DE OLIVEIRA E MIRIAN TAVARES

IDRISSA OUEDRAOGO – UM CONTADOR DE
HISTÓRIAS DE OUTROS TEMPOS.....165

MAÍRA ZENUN

PARAÍÇOS PERDIDOS: DO *TABU* DE MURNAU
AO *TABU* DE MIGUEL GOMES.....180

MARISA MOURINHA

THE ARTICULATION OF EARLY MODERN ENGLISH
AND SCOTTISH QUEENSHIP ON FILM.....192

LILIANA LOPES DIAS

CANÇÃO, HISTÓRIA E CINEMA.....210

ALBERT ELDUQUE

NOTAS BIOGRÁFICAS.....224

A FREIRA PORTUGUESA - DO ANONIMATO ÀS LUZES DA RIBALTA

Ana Alexandra Seabra de Carvalho

**FCHS- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
da Universidade do Algarve**

Resumo: Publicadas anonimamente em Paris, em 1669, as *Lettres portugaises* encenam uma freira portuguesa e o seu amor proibido por um oficial francês. Primeiramente, vemos como a epistológrafa passa do anonimato às luzes da ribalta. O sucesso imediato do texto é acompanhado por uma controvérsia, que ainda dura, sobre a autenticidade (lusa) das cartas ou a sua ficcionalidade (francesa). Desde o século XIX, procura-se identificar a freira como Mariana Alcoforado, figura histórica, e atribuir-lhe a autoria das cartas, traduzidas em sucessivas versões em português. Os séculos XX e XXI confirmam a ascensão desta mítica figura de amante e epistológrafa às luzes da ribalta, protagonizando variadas obras ficcionais na literatura, no teatro e no cinema. Estudamos, depois, Mariana como personagem literária, entre outras referências, nas obras de Nuno Júdice e Margarida Rebelo Pinto.

Palavras-chave: Mariana Alcoforado; cartas de amor; história; ficção.

Abstract: Published anonymously in Paris in 1669, the *Lettres Portugaises* present a Portuguese nun and her forbidden love for a French officer. Firstly, we see how the epistolographer moves from anonymity to the limelight. The immediate success of the text is accompanied by a still lingering controversy over the authenticity (Portuguese) of the letters or their (French) fictionality. Since the nineteenth century, it has been sought to identify the nun as Mariana Alcoforado, a historical figure, and to attribute to her the authorship of the letters, translated in successive versions in Portuguese. The 20th and 21st centuries confirm the rise of this mythical figure of lover and epistolographer to the limelight, starring various fictional works in literature, theatre and cinema. We then study Mariana as a literary character, among other references, in the works of Nuno Júdice and Margarida Rebelo Pinto.

Keywords: Mariana Alcoforado; love letters; history; fiction.

*Cortaram os trigos. Agora
A minha solidão vê-se melhor¹*

Em 1669, o conceituado editor parisiense Claude Barbin publica um pequeno texto anónimo intitulado *Lettres portugaises traduites en françois*, composto por um aviso ao leitor e cinco cartas ardentes de paixão atribuídas a uma freira portuguesa e dirigidas a um oficial francês. O sucesso da obra foi imediato e perdura até aos nossos dias. Também a polémica sobre a autenticidade ou a ficcionalidade destas epístolas data de então e ainda hoje não está resolvida. Apesar do aturado trabalho de crítica textual que procura provar a autoria de Guilleragues, a tese da autenticidade portuguesa, ou *alcoforadista*, de inspiração romântica e historicista, não se deixa derrotar, proclamando Mariana Alcoforado como a verdadeira autora dos originais, base da tradução francesa. A ser assim, e contrariando os códigos e a prática tradutórios seiscentistas, a suposta tradução de Guilleragues deveria primar pela fidelidade às epístolas originais da freira de Beja, na verdade nunca encontradas, pois no texto editado por Barbin elogia-se, sobretudo, o estilo natural e ardente da apaixonada redatora para argumentar a favor da autenticidade das cartas. Aliás, trata-se, no contexto luso, de uma questão amiúde delicada a da incorporação na história literária francesa desta pequena obra-prima, roubando-a, assim, à alma e à literatura nacionais.

A meio caminho entre as duas teses acima referidas, podemos considerar uma terceira, que designamos de *tradução-adaptação-(re)criação literária*: aceitemos toda a documentação que atesta quer a real existência da figura histórica de Soror Mariana Alcoforado, quer aquela que permite colocar Chamilly no Baixo-Alentejo no contexto do auxílio prestado pelas tropas francesas a Portugal contra Espanha; aceitemos igualmente a conjectura de um caso amoroso entre os dois, uma vez que as circunstâncias que se viviam em Beja e o funcionamento do Convento em questão proporcionariam os encontros proibidos; por outro lado, o regresso do oficial francês ao seu país poderia verosimilmente ter desencadeado uma correspondência epistolar entre ambos, eventualmente até mais volumosa do que as famosas cinco cartas. Continuando as suposições, visto que não há provas concretas que vão além da documentação histórica da existência destas figuras ilustres neste contexto particular, teremos de imaginar por que meios uma correspondência privada caiu nas mãos de Guilleragues e de que forma ele e Barbin decidiram traduzi-la para francês e publicá-la. Tratar-se-ia, então, nas origens, de uma *tradução-*

¹ Cf. ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2015). "Soror Mariana – Beja" in *Obra poética*. Porto: Assírio & Alvim, p. 658 (originalmente publicado em *O Nome das Coisas*, I – 1972-73).

-*adaptação-(re)criação literária* de documentos originais, bem mais de acordo com os preceitos e as práticas tradutórias coevas das “*Belles Infidèles*” que transformavam o original numa *outra* obra².

Em qualquer dos casos, é certo que as *Lettres portugaises* têm funcionado, ao longo destes séculos, como fonte inspiradora das literaturas francesa, portuguesa e mesmo europeia, sendo consensualmente apontadas como a gênese do romance epistolar, género narrativo de grande sucesso nos séculos XVII, XVIII e XIX, como sabemos. Tendo em conta esta polémica, procuraremos aqui ver de que forma uma voz epistolar anónima do século XVII, real ou fictícia, se transformou ao longo dos séculos em personagem histórica, em heroína mítica da nação lusa e, mais perto de nós, em personagem romanesca.

A EPISTOLÓGRAFA MARIANE: DO ANONIMATO ÀS LUZES DA RIBALTA

O triunfo lacrimajante das *Lettres portugaises* foi, desde logo, acompanhado por uma controvérsia viva e duradoura: as cartas são autênticas ou fictícias? Os defeitos estilísticos serão prova de sinceridade ou antes um artifício retórico? Durante muito tempo, prevaleceu a hipótese da autenticidade, embora já em 1669 houvesse quem desconfiasse de ficção, falando-se de golpe editorial de Barbin. Também desde 1669, a partir de uma edição contrafeita, se nomeia Gabriel Joseph de Lavergne de Guilleragues (1628-1685) como seu tradutor e, como seu destinatário, o Cavaleiro de Chamilly, o qual, nos anos anteriores, servira em Beja às ordens do Rei-Sol no auxílio a Portugal na Guerra da Restauração. Contudo, ninguém se preocupa com a identidade da freira, cujas cartas apenas teriam deixado o nome próprio: Mariane.

Apenas em 1810, o erudito Boissonade descobre, num exemplar de 1669, uma nota manuscrita que identifica a epistológrafa como *Marianna Alcaforada*, freira num convento de Beja, lugar longínquo e exótico para os leitores franceses, situado algures entre a Estremadura e a Andaluzia. Até às investigações atuais, crê-se que as *Lettres* teriam ficado durante séculos praticamente desconhecidas em Portugal, apesar do sucesso de que granjeavam em França e na Europa, atestado pelas sucessivas reedições e traduções. Este facto poderá eventualmente dever-se ao poder quer da família Alcoforado, quer da Inquisição.

A primeira tradução para português, intitulada *Cartas duma religiosa portugueza*, data de 1819 e é realizada por Filinto Elísio a partir de uma segunda

² Há quem proponha que Mariana tenha escrito as cartas diretamente em francês, visto que na biblioteca dos Alcoforado existiam várias obras na língua de Molière, o que não invalida a hipótese de esses originais terem sido posteriormente recriados por Guilleragues.

edição de Barbin, a qual adicionava às cinco cartas originais outras sete apócrifas duma dama da sociedade, supostamente portuguesa, e ignorando a descoberta de Boissonade.

Em 1824, o Morgado de Mateus realiza uma nova tradução, seguindo agora a edição *princeps* e incluindo uma notícia biográfica em que atribui a autoria a Mariana Alcoforado. Dá-se, assim, início à polémica luso-francesa a respeito da autoria das *Cartas portuguesas*. De igual modo, nasce para o mundo cultural e literário a personagem histórica (e mítica) de Mariana Alcoforado.

Porém, o estudo decisivo para um melhor conhecimento desta figura surge em 1888 pela pena de Luciano Cordeiro. Intitula-se *Soror Mariana, a freira portuguesa* e contém uma nova tradução das cinco cartas originais, na qual o autor pretende reencontrar o espírito da freira portuguesa na letra das cartas. A 2ª edição deste estudo, de 1891, introduz algumas correções factuais e acrescenta novos dados. Saber-se-á, então, que Mariana foi batizada em Beja, a 22 de abril de 1640. Os seus pais eram Francisco da Costa Alcoforado, nobre poderoso na cidade, e Leonor Mendes, filha de comerciantes abastados. O casal Alcoforado tinha seis filhos. Mariana entrou muito jovem no Convento de Nossa Senhora da Conceição, tornou-se freira, aí exerceu várias funções, como secretária e abadessa, e morreu a 28 de julho de 1723. Quanto aos amores de Mariana com Noël Bouton, conde de Saint-Léger, se é possível que tenham ocorrido, dado que o oficial francês esteve efetivamente em Portugal durante a Guerra da Restauração, entre 1663 e 1668, e também em Beja, não existem, porém, provas concretas. Toda a história é recriada a partir da leitura das cartas, ou seja, coloca-se a hipótese de a literatura ter servido para criar pseudo factos históricos.

Sucedem-se, ao longo do século XX e início do século XXI, várias outras traduções para português orientadas por conceções tradutórias diferenciadas, das quais se destacam as seguintes: por um lado, aquelas que visam claramente a restituição da obra a Mariana Alcoforado e à literatura lusa (Manuel Ribeiro, 1913; Jaime Cortesão, 1920; Afonso Lopes Vieira, 1941; Belard da Fonseca, 1966; Nuno de Figueiredo, 1966; Victor Hugo F. Bernardo, 2003); por outro lado, aquelas que não tomam partido na polémica da autoria e que procuram, sobretudo, uma feição poética (Eugénio de Andrade, 1969 e Pedro Tamen, 2000). Esta última é, sem dúvida, a que melhor transpõe para português o texto original publicado por Barbin (incluído em fac-símile na edição). Refira-se igualmente que, a partir de 1902, surgem várias traduções anónimas que privilegiam a autoria de Mariana Alcoforado, pois este é o único nome a figurar na capa do livro. O Morgado de Mateus e os tradutores que o tomaram como modelo parecem preocupados, sobretudo, em restituir

a obra à Pátria lusa, buscando o tom português do original perdido sob o texto em francês, do qual procuram demarcar-se. Por outro lado, consideram as *Cartas* como representativas de uma suposta especificidade do amor e da saudade portugueses e da forma de os dizer. Este movimento de apropriação de uma obra já considerada canónica a nível europeu, inclusive através do seu estudo nos programas de Literatura Portuguesa, corresponde a uma posição ideológica vigente, primeiro, no período Romântico e, já no século XX, durante o Estado-Novo. Para tal contribuíram, sobremaneira, tanto as referidas traduções como os estudos tornados canónicos de Luciano Cordeiro e, posteriormente, o de Manuel Ribeiro (1940), entre outros. A epistológrafa Mariane é, então, transformada no mito nacionalista de Mariana Alcoforado, amante ímpar e nova autora lusa canonizada na Exposição do Mundo Português de 1940, e para as gerações futuras, ainda que com algumas vozes discordantes, como a de António Gonçalves Rodrigues (1944) - (cf. Paradinha, 2009).

Deste modo, o texto publicado por Barbin agora traduzido para português (em diversas versões) entra no registo da literatura lusa sob a autoria de Mariana da Costa Alcoforado. Contudo, o caso não fica encerrado. A partir de meados do século XX, a análise interna da obra vem atribuir ao suposto tradutor, Guilleragues, a autoria plena das *Lettres portugaises*, defendendo a tese da *ficcionalidade* e alegando que: as afirmações dos alcoforadistas estavam cheias de contradições; que fora encontrado o privilégio do texto original que o atribuía a Guilleragues; que a recolha epistolar estava estruturada como uma tragédia clássica francesa; que o estilo das cartas correspondia ao do autor francês; que Barbin teria recorrido ao subterfúgio da publicação anónima como forma de preservar junto da sociedade luiscatorziana tanto a figura de Chamilly, estimado militar, como a de Guilleragues, fidalgo, secretário e, mais tarde, diplomata de confiança do Rei-Sol. As *Lettres portugaises* são, desta forma, inseridas na literatura francesa do Classicismo, tornando-se no primeiro romance epistolar, apesar da discordância de Yves Florenne em 1979, cuja edição segue a ordenação de Luciano Cordeiro.

A questão da autenticidade *vs.* ficcionalidade é fundamental para o plano do significado do texto, uma vez que os protocolos de leitura serão muito diversos se se considerarem as cartas um documento autêntico expressando sentimentos sinceros ou uma obra de invenção retórica e literária. De 1669 aos nossos dias, o debate continua, portanto, a opor aqueles que leem as cartas como testemunho de um génio da paixão que nenhum artifício poderia igualar, àqueles que afirmam a superioridade da invenção para alcançar a verdade do sentimento e ainda àqueles que rejeitam os termos do debate, invocando a autonomia de um texto cujo *pathos* está justamente inscrito na

forma epistolar (cf. Mangeot, 2008; Escola, 2007). Por tudo isto, o sucesso das *Lettres portugaises* continua venturoso, tendo a obra, desde a sua origem, conhecido muitas reedições, adulterações, respostas, sequências várias e inúmeras traduções em variadíssimas línguas. O mistério da autoria perdura. Mais perto de nós, tanto Myriam Cyr (2006) como Leonel Borrela (2007) preservam o mito da freira portuguesa.

Da anónima freira das *Lettres portugaises* se construiu uma personagem histórica e, posteriormente, uma figura mítica de amante e autora literária excecional, ainda que *malgré elle...* Os séculos XX e XXI vieram confirmar a sua ascensão às luzes da ribalta, transformando-a igualmente em personagem ficcional, do teatro (Júlio Dantas) e cinema³ portugueses e franceses, passando pela ópera (Hermínio do Nascimento e o brasileiro Júlio Reis), assim como pela narrativa literária. Neste estudo, cingir-nos-emos a narrativas literárias que recriam a figura histórico-mítica de Mariana da Costa Alcoforado.

MARIANA ALCOFORADO: DA HISTÓRIA PARA A FICÇÃO LITERÁRIA

Os estudos alcoforadistas e as traduções acima referidos contribuem, pois, para a construção, num primeiro momento, do mito da freira de Beja, base dos exemplos ficcionais protagonizados por Mariana Alcoforado que afloraremos de seguida por ordem cronológica. Exemplos claros de propaganda ideológica são os romances de Ruy Chianca, *Desventurado Amor* (1916), e o de Alice d'Oliveira, *Vida Amorosa de Soror Mariana* (1944). Estas ficções redentoras visam, sobretudo, defender valores como a abnegação, a sublimação e os bons costumes (cf. Mendes, 2006: 297-298).

Em sentido oposto, inserem-se as *Novas Cartas Portuguesas*, publicadas em 1972 pelas “Três Marias” (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa). Embora aceitem a tese alcoforadista, na sua obra ficcional, as autoras não se interessam nem por uma reconstituição histórica, nem por uma exploração biobibliográfica em torno da freira de Beja. Pelo, contrário, ela serve-lhes de pretexto para denunciarem duramente as hipocrisias e perversidades da sociedade patriarcal, discriminatória e falsamente puritana do final do Estado Novo, num movimento de extrema ousadia feminista que a censura não deixou de punir (cf. Mendes, 2006: 295-296).

³ Cf. *A Religiosa portuguesa*, filme luso-francês de 2009, realizado por Eugène Green, com Leonor Baldaque, Mozos Francisco e Beatriz Batarda (Océan Films). Aqui a obra seiscentista é pretexto para uma história que se desenrola na atualidade. Contudo, uma adaptação que se torna fiel ao texto de Barbin é levada a cabo em *Les Lettres portugaises*, filme francês de 2014, realizado por Bruno François-Boucher e Jean-Paul Seaulieu, com Ségolène Point e Nicolas Herman nos papéis de Mariane e do cavaleiro francês (Kapfilms).

Katherine Vaz, autora norte-americana de ascendência portuguesa, publica em 1997 um romance em língua inglesa intitulado *Mariana*. Um ano depois sai a tradução portuguesa de José Luís Luna, acompanhada pela autora. Ao contrário dos exemplos anteriores, aqui não se encontram nem considerações moralistas acerca do caso amoroso de Mariana e da vida nos conventos do século XVII, nem reivindicações feministas. Nesta narrativa na 3ª pessoa e onisciente, Mariana revela-se um ser inteiro, de forte personalidade, onde o coração, a cabeça e os sentidos se encontram interligados. Este romance histórico pretende, com base nos estudos dos eruditos marianistas, nomeadamente os de Luciano Cordeiro (1888; 1891) e de Manuel Ribeiro (1940), reinventar a figura da freira de Beja, em todas as dimensões da sua longa vida, tornando verosímil o caso amoroso com Chamilly e, conseqüentemente, a escrita das célebres cinco cartas. Katherine Vaz traduziu-as para inglês, num estilo mais simples e direto, trocando a ordem da 2ª e 4ª, certamente por razões de coerência cronológica dos acontecimentos nelas referidos, conforme a lição de Luciano Cordeiro. A tradução do romance para português permanece bastante fiel ao texto reescrito por Vaz. Deste modo, podemos dizer que aqui se verifica a recriação de Mariana Alcoforado e do seu ambiente histórico, não apenas com base nos factos documentados, mas igualmente de forma a justificar a necessidade imperiosa da autenticidade das *Cartas* (cf. Mendes, 2006).

Nuno Júdice, em 2000, publicou, em *A Árvore dos Milagres*, o tríptico intitulado “Três Variações para Cravo e Mariana”, curiosa reinterpretação da figura e do drama passionai da religiosa das *Cartas Portuguesas* (Júdice, 2000: 87-133). O primeiro painel (“Cartas francesas do Senhor de Chamilly a Mariana”, pp. 89-100) é uma narrativa epistolar, que recria o século XVII. Trata-se de um conjunto de cinco cartas que respondem às de Mariana. As quatro iniciais, de tom apaixonado e justificativo, são de Chamilly. Porém, segue-se-lhes uma quinta carta, assinada pelo Senhor de L., companheiro de armas de Chamilly, que o apresentara a Mariana (p. 99), e que acaba por lhe confessar finalmente o seu amor (p. 100). Esta carta põe em causa a sinceridade das de Chamilly, desmascarando as suas mentiras e hipocrisia, o que corrobora a tese alcoforadista de que ele não passaria de um vulgar sedutor. (Contudo, esta atitude poderia ser interpretada como mero fruto do ciúme.)

O segundo painel (“A Confissão de Chamilly”, pp. 101-119) equipara-se, em nosso entender, a um drama em um ato, recriando igualmente o século XVII. Trata-se de um pequeno texto de feição dramática, cuja ação se passa no átrio do Convento de Beja e que tem por personagens o Cavaleiro de Chamilly, o Confessor, Mariana e Dona Brites. É uma tradução fiel ao sentido do texto francês, mas adaptada à forma dialogada de um texto dramático, dividindo brilhantemente o conteúdo das cinco cartas da pena de Mariana pelas quatro personagens “em cena”

(“cena 1”: o Cavaleiro e o Confessor, pp. 101-104; “cena 2”: os mesmos, Mariana e Dona Brites, pp. 104-118; “cena 3”: o Cavaleiro e o Confessor, pp. 118-119; “cena 4”, últimas linhas: o Confessor, p. 119). No final, o Cavaleiro confessa ter agido premeditadamente no processo de sedução de Mariana e parte (pp. 115-119) – o que vai ao encontro da conclusão do painel anterior.

O terceiro painel (“Diário de um Amor”, pp. 120-133) apresenta-se como uma narrativa diarística, situada no final do século XX. Trata-se da transposição para a contemporaneidade de uma variação da história dos amores de Mariana e Chamilly. Temos aqui, na verdade, duas histórias de amores não correspondidos: o narrador autodiegético ama Mariana, que ama um francês, que a seduziu e abandonou. Mariana é uma noviça no Convento de Beja, o seu amante é apresentado como o Francês, empregado numa empresa multinacional de informática, colega do narrador. Segundo este, Mariana escrevera cartas apaixonadas ao amante francês após a sua partida, mas não obtivera respostas. As epístolas ter-se-iam tornado numa espécie de diário para a ajudar a compreender melhor a sua situação e a ultrapassá-la. O narrador pôde ler as cópias que ela guardara. Também ele escreve o diário do seu amor por Mariana. Conheceu-a num período difícil da sua vida, quando decidira abandonar a sua vocação religiosa. O *coup de foudre* deu-se na primeira troca de olhares e, nesse instante, o seu amor por Deus foi substituído por um sentimento exacerbado pela jovem noviça. Porém, nunca lho revelou, contentando-se com o papel de confidente, pois ela, desde o início, sempre se mostrou apaixonada pelo Francês, descrito pelo narrador como um sedutor (o que corrobora as posições dos dois painéis anteriores). No entanto, a narrativa é aberta: uma notícia de jornal suscita a hipótese de o Francês ter sido vítima de rapto e de poder estar morto. Depois de grande hesitação, o narrador admite voltar a Beja e tentar que Mariana aceite o seu amor.

Também Cristina Silva, no seu romance intitulado *Mariana – Todas as Cartas* (2002), se inspira nas fontes alcoforadistas, em cuja veracidade a autora parece fazer fé: nomeadamente nos já citados Luciano Cordeiro e Manuel Ribeiro; mas ainda em Belard da Fonseca (1966) e Alfredo Saramago (1994). A autora apresenta-nos, nestas doze epístolas imaginárias de tom memorialístico, uma Mariana septuagenária, que continua a escrever inutilmente a um Chamilly já falecido. Apesar dos ecos das *Lettres portugaises*, defende-se aqui, sobretudo, a ideia de que a paixão de Mariana se foi transformando ao longo de décadas em autoconhecimento. O pano de fundo é uma recriação histórica do Portugal da Restauração, onde a epistológrafa, à semelhança da heroína de Katherine Vaz, revela uma mentalidade mais consentânea com a dos nossos dias.

As questões acima enunciadas são igualmente pertinentes no romance de Margarida Rebelo Pinto, intitulado *Mariana, meu amor*, de 2015. Para além das

tradicionais fontes alcoforadistas, a autora parece ter ido beber também em algumas das ficções já referidas, procurando agora torneá-las a seu modo. O título sugere a paixão exacerbada da freira de Beja, mas refere-se talvez mais explicitamente à paixão por Mariana Alcoforado confessada tanto pela autora no paratexto, como pela protagonista Alice nos momentos finais do romance: “Apaixonei-me por ti, pelo teu destino e pela coragem com que o enfrentaste” (Pinto, 2015: 261). O projeto da obra aparece no subtítulo: “À descoberta de Mariana Alcoforado, a freira portuguesa que conquistou o mundo com as suas cartas apaixonadas”. Este era um sonho antigo da autora, pois as cartas de Mariana já, por várias vezes, lhe tinham dado inspiração e força, pelo seu exemplo de coragem, uma vez que Margarida Rebelo Pinto imagina que, ao longo dos anos, a freira teria ultrapassado a paixão, o abandono e o sofrimento, encontrando conforto e paz na devoção a Deus. Por isso, afirma que “escrever esta história foi ao mesmo tempo uma viagem no tempo e uma lição de vida”, frase que a personagem Alice subscreveria. Trata-se, portanto, de uma incursão no romance histórico, ao invocar o Portugal da Restauração para recriar a figura da freira de Beja (veja-se a “Cronologia de Factos Históricos” inclusa no final do livro, sem, contudo, se referirem as fontes).

A sua história, contudo, surge como uma narrativa em 2º grau, pois é contada pela personagem de Alice, uma jornalista na casa dos trinta, a braços com um desgosto amoroso, alma-gêmea do século XXI da apaixonada religiosa seiscentista. Incumbida de escrever um livro sobre Mariana e as suas cartas, Alice mergulha na informação alcoforadista, faz uma catarse pessoal, aprendendo também ela a vencer o sofrimento do abandono amoroso, através da viagem para o Rio de Janeiro e do trabalho no seu livro, o que lhe permite encontrar a paz na sua liberdade de escolha. Trata-se, então, de “um romance dentro de um romance”, como se lê na contracapa, “uma narrativa a duas vozes de duas mulheres corajosas que, através de vivências quase opostas, conseguiram desafiar o seu destino e alcançar a paz, sem negar os seus sentimentos mais profundos” (contracapa).

O romance faz alternar, contudo, duas realidades temporais: o século XVII de Mariana e o século XXI de Alice. A sua estrutura singular permite a comparação constante entre as duas mulheres naquilo que as afasta, por um lado: situação de submissão feminina e vivência em clausura (Mariana) *vs.* plena consciência e usufruto da sua liberdade por parte de uma mulher ocidental emancipada e dona do seu destino (Alice). Por outro lado, o fator que as aproxima é a vitória sobre o sentimento malgrado e a busca da serenidade.

Relativamente à estrutura, e numa evocação das cinco cartas publicadas por Barbin, o romance encontra-se dividido em cinco partes. Nelas se

desenrolam as duas narrativas paralelas já referidas: no caso de Alice, inventa-se um monólogo com o interlocutor, como se este estivesse presente; no de Mariana, a interlocutora, Benedita, está presente, escuta e escreve, mas é – muito convenientemente – muda. Temos, então: de um lado, dezoito capítulos numerados, da responsabilidade enunciativa autobiográfica de Alice, onde conta as venturas e desventuras da sua história amorosa com Pedro, a importância das amizades e do trabalho. Será justamente a encomenda de um livro sobre as cartas e a vida da freira portuguesa que lhe permitirá a sua catarse. Aqui são narradas pela voz de Alice as informações recolhidas na bibliografia alcoforadista, sem, contudo, se fazer referência concreta às fontes, exceto quanto ao romance de Alice d’Oliveira.

Entrelaçados com estes capítulos contemporâneos, surgem, por outro lado, textos datados de abril de 1715 – que se assemelham a cinco “novas cartas” de Mariana, precedidas de uma espécie de prólogo. Perceberemos depois que se trata do livro que Alice está a escrever. A responsabilidade enunciativa é agora de Mariana. Comemorando o seu 75º aniversário, a freira decide legar à posteridade a sua verdadeira história. Estamos em abril de 1715, e Chamilly falecera em janeiro. Alegando problemas de visão, Mariana incumbe a noviça Maria Benedita, de dezasseis anos, de escrever fielmente o que lhe vai ditando. Deste diálogo monofónico passado para o papel, resultarão as *Cartas ao Mundo de Soror Mariana* (Pinto, 2015: 247), cuja função será catártica e pedagógica para Mariana, Benedita, Alice e todos os leitores futuros. Estes textos abrem e fecham a primeira parte do romance, espécie de prólogo e primeira “nova carta”, respetivamente; as partes II, III e IV, são encerradas pelas 2ª, 3ª e 4ª “novas cartas”. Na Vª parte, a 5ª “nova carta” surge a anteceder os dois últimos capítulos.

Ao longo do romance, assiste-se a uma aproximação progressiva entre Alice e Mariana, criada tanto pela informação alcoforadista como pela transcrição amplamente comentada de fragmentos das cartas publicadas por Barbin na tradução (não referida) de Nuno de Figueiredo. A mulher do século XXI busca ajuda e consolo no exemplo da sua alma-gémea seiscentista. No entanto, ao contrário da freira, o amor de Alice terá a hipótese de um final feliz: após também ele ter lido as *Cartas Portuguesas*, o amante de Alice virá buscá-la ao Rio de Janeiro, propondo-lhe uma vida em conjunto, que ela, naturalmente, aceita. Público-alvo de Margarida Rebelo Pinto *oblige?*

Em conclusão, a partir das famosas *Lettres portugaises* seiscentistas, do século XIX em diante, descobriu-se a figura histórica de Mariana da Costa Alcoforado, que foi identificada como a anónima freira de Beja do texto publicado por Barbin. Tentou-se, então, recolher informação que a confirmasse como autora das *Cartas*. Com base nesta convicção, foram feitas sucessivas traduções para português das

ditas, a maioria das quais pretendia explicitamente devolver a Portugal aquela obra consagrada da literatura universal. Desta forma, a freira de Beja saiu do seu anonimato conventual para passar à posteridade singrando nas luzes da ribalta como amante e epistológrafa, ímpar representante da alma e literatura lusas.

A partir do século XX, variadas obras ficcionais, que se colocam do lado da tese alcoforadista, contribuem para consolidar o mito e a celebridade da freira de Beja como autora das *Cartas* e como símbolo do amor em Portugal. Referimos os romances de Ruy Chianca (1916) e de Alice d'Oliveira (1944), que constituem exemplos de propaganda ideológica (não só do nacionalismo positivista e neorromântico, mas também do Estado Novo, no segundo caso). Nas obras escritas a partir dos anos 70, a figura histórico-mítica de Mariana é transformada numa personagem simbólica que revela uma mentalidade mais consentânea com a dos nossos dias. Aludimos às *Novas Cartas Portuguesas* das "Três Marias" (1972), igualmente imbuídas dum propósito ideológico, mas de sinal contrário aos romances de Chianca e d'Oliveira, onde se denuncia o estatuto submisso da mulher portuguesa durante o Estado Novo e se encontra em Mariana o símbolo caucionador de uma posição feminista. Assinalámos também a obra de Katherine Vaz, autora norte-americana de origem portuguesa, *Mariana* (1997), romance histórico baseado nos estudos alcoforadistas, onde se reinventa a figura da freira de Beja em todas as dimensões da sua longa vida. Tratámos, em seguida, o tríptico "Três variações para Cravo e Mariana" (2000), no qual Nuno Júdice reinterpreta a figura e o drama passionai da religiosa das *Cartas* quer no contexto seiscentista, quer numa transposição para a contemporaneidade. Aludimos ainda ao romance histórico de Cristina Silva, *Mariana - Todas as Cartas* (2002), baseado nas fontes alcoforadistas, onde se inventa uma Mariana septuagenária, que ainda escreve a Chamilly, já falecido, como processo de introspeção e autoconhecimento. Finalmente, estudámos *Mariana, meu amor* (2015), onde Margarida Rebelo Pinto toma como base quer as fontes alcoforadistas, quer algumas das narrativas literárias supracitadas. Trata-se de uma obra em que a incursão no romance histórico (Mariana septuagenária) alterna com uma narrativa contemporânea (Alice), comparando duas mulheres fortes que tomam as rédeas do seu destino, apesar das contrariedades próprias de cada época, em busca do amor e da serenidade. Contudo, ao contrário de Mariana, Alice poderá ter um final feliz, de acordo com uma mentalidade mais conforme aos nossos dias.

Em estudos posteriores, gostaríamos de desenvolver alguns tópicos aqui referidos, nomeadamente o tratamento da figura da freira portuguesa no teatro e no cinema, nos contextos lusófono e francófono, ou ainda a evolução do mito através das manifestações ficcionais que este vai assumindo ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[ALCOFORADO, Mariana (A Freira de Beja)] (2003). *Cartas portuguesas* (trad. de Victor Hugo F. Bernardo, introd. de Santos Costa). S/l: Moderna Editorial Lavoeres.

[ALCOFORADO, Mariana] (1971). *Cartas de amor ao Cavaleiro de Chamilly* (trad. Morgado de Mateus [Paris, 1824], prólogo de Júlio Brandão [1869-1947]). Porto: Lello & Irmão, pp. 7-71 [publ. Com a *Carta de Guia de Casados*, de D. Francisco Manuel de Melo].

ANDRADE, Eugénio de (trad.) (1993). *Cartas portuguesas atribuídas a Mariana Alcoforado* (ed. bilingue, pref. e trad. de E. de Andrade; pinturas de Ilda David). Lisboa: Assírio & Alvim [1^a ed. Porto: Editorial Inova, 1969, com os desenhos de José Rodrigues].

BARRENO, Maria Isabel, HORTA, Maria Teresa, COSTA, Maria Velho da (1974). *Novas Cartas portuguesas*. Lisboa: Editorial Futura [1^a ed. 1972].

BORRELA, Leonel (ed.) (2007). *Cartas de Soror Mariana Alcoforado. Antecedidas das "Lettres Portugaises e Mariana Alcoforado" de Leonel Borrela*. S/l: 100LUZ.

BOTELHO, José Maria de Souza [Morgado de Mateus] (trad.) (1824). *Lettres portugaises. Nouvelle édition, conforme à la 1^{ère} (Paris, Cl. Barbin, 1669), avec une Notice bibliographique sur ces lettres*. Paris: Firmin Didot.

CARVALHO, Ana Alexandra (2004). "As *Lettres portugaises* e os seus múltiplos jogos" in Ana Alexandra, Carvalho e João Carlos Carvalho. *Aventuras d'Escrita(s). Estudos de Poética e Retórica*. Lisboa: Edições Colibri & Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade do Algarve, pp. 145-167.

CHIANCA, Ruy (1916). *Desventurado amor. Romance de Sórora Mariana*. Lisboa: Livraria Clássica.

CORDEIRO, Luciano (trad.) (1891). "As Cartas" in Soror Marianna. *A Freira portuguesa. Segunda edição. Illustrada, correcta e augmentada sobre novos documentos*. Lisboa: Livraria Férrin, pp. 253-302 [1^a ed. 1888]:

<https://ia600208.us.archive.org/22/items/sorormariannafre00corduoft/sorormariannafre00corduoft.pdf> (data de consulta: junho de 2016).

COSTA, Linda Santos (2002). "Mariana outra vez". *Jornal Público* (20-04-2002): <http://www.publico.pt/noticias/jornal/mariana-outra-vez-169633> (data de consulta: setembro de 2016).

CYR, Myriam (2006). *O Amor proibido de uma freira portuguesa. À descoberta do mistério que se esconde por detrás de um amor proibido do século XVII. Mistério histórico* (trad. do inglês de Maria de Lurdes Feio). Lisboa: Ésquilo [2006. *Letters of a Portuguese Nun. Uncovering the Mystery Behind a 17th Century*

Forbidden Love. A Historical Mystery. New York City: Hyperion].

ELÍSIO, Filinto [Francisco Manuel do Nascimento] (trad.) (1817-1819). “Cartas de uma religiosa portuguesa” in *Obras Completas*. vol. X. Paris: A. Bobée, pp. 430-494.

ESCOLA, Marc (2007). *L’auteur comme fiction: Guilleragues*:

http://www.fabula.org/atelier.php?L%2527auteur_comme_fiction_%253A_Guillerages (data de consulta: setembro de 2016).

FIGUEIREDO, Nuno de (trad.) (1974). *Cartas portuguesas. Soror Mariana Alcoforado* (texto integral em português e francês, com ilustrações de José Ruy). Mem-Martins: Publicações Europa-América [1ª ed. 1966].

FONSECA, António Belard da (1966). *Mariana Alcoforado. A freira de Beja e as “Lettres Portugaises”*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Imprensa Portugal-Brasil.

GENETTE, Gérard (1982). *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil.

GULLERAGUES, Gabriel-Joseph de la Vergne, comte de (1990). “Lettres portugaises traduites en français” in “*Lettres portugaises*” suivies de *Guilleragues par lui-même* (ed. de Frédéric Deloffre). Paris: Gallimard, pp. 71-106 [1ª ed. das *Lettres portugaises*: 1669].

JÚDICE, Nuno (2000). “Três Variações para Cravo e Mariana” in *A Árvore dos Milagres e outros textos*. Lisboa: Quetzal Editores, pp. 87-133.

MANGEOT, Philippe (2008). “Qui fait l’auteur?”. *Vacarme. Être anti-autoritaire aujourd’hui*. Núm. 43 1968/2008: <http://www.vacarme.org/article1559.html> (data de consulta: setembro de 2016).

MENDES, Ana Paula Coutinho (2006). “Katherine Vaz e a re-inscrição de Mariana Alcoforado na história literária” in Ana Luísa Amaral e Gualter Cunha (org.). *Estudos em homenagem a Margarida Losa*. Porto: FLUP, pp. 293-308: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4244.pdf> (data de consulta: setembro de 2016).

MOREIRA, Fernando Alberto Torres (2011). “A edição de Filinto das *Cartas duma Religiosa Portuguesa*” in *Em torno de Filinto Elísio – Ensaio*. Vila Real: CEL – Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, pp. 133-138.

OLIVEIRA, Alice de (1944). *Vida amorosa de Sórora Mariana*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

PARADINHA, Maribel Malta (2006). *As Cartas de Soror Mariana Alcoforado. Manipulação e identidade nacional*. Lisboa: Caleidoscópio.

PARADINHA, Maribel Malta (2009). “Manipulação, tradução literária e identidade nacional”.

Revistas UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México), *Anuário de Letras Modernas*. Vol. 15 2009, pp. 275-289: www.revistas.unam.mx/index.php/al_modernas (data de consulta: setembro de 2016).

PINTO, Margarida Rebelo (2015). *Mariana, meu amor. À descoberta de Mariana Alcoforado, a freira portuguesa que conquistou o mundo com as suas cartas apaixonadas*. Lisboa: Clube do Autor.

RIBEIRO, Manuel (1940). *Vida e morte de Madre Mariana Alcoforado*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

RODRIGUES, António Gonçalves (1944). *Mariana Alcoforado. História e crítica de uma fraude literária*. Coimbra: Coimbra Editora.

SARAMAGO, Alfredo (1994). *Convento de Soror Mariana Alcoforado. Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição. Ensaio Histórico*. Sintra: Colares Editora.

SILVA, Cristina (2002). *Mariana – Todas as cartas*. Lisboa: Gótica.

TAMEN, Pedro (trad.) (2000). *Cartas portuguesas atribuídas a Mariana Alcoforado* (segundo a edição original de 1669 publicada em Paris por Claude Barbin [em fac-símile no final], “Apresentação” de Maria Eduarda Keating e pinturas de António Mira). Lisboa: Tiragem Limitada Edições de Arte, Lda.

VAZ, Katherine (1998). *Mariana* (trad. do inglês de José Luís Luna). Porto: Edições Asa [1997. *Mariana*. London: Flamingo].